

DA *DECIFRAÇÃO*  
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa  
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

**Coordenação**

Ana Paiva Morais  
Teresa Araújo  
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

*Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação*

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais  
*IV Colóquio da Secção Portuguesa*  
*da Associação Hispânica de Literatura Medieval*

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo  
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

## DECIFRAÇÃO DE TEXTOS ANÓMALOS EM SUPORTES ANÓMALOS

*Francisco A. Marcos-Marín*  
(Universidade Autónoma de Madrid)

Os três problemas de decifração que se expõem<sup>1</sup> a seguir têm em comum a peculiaridade de o material que serve de suporte à escrita, suporte que, deve-se esclarecer desde já, não é exclusivo à grafia como tal, se bem que, neste caso, a escrita adquire também uma certa relevância inclusive por encontrar-se onde se encontra, mais do que pelo seu conteúdo. O fio condutor comum dos três é o recurso a procedimentos digitais, em diversos graus, bem como a necessidade da cooperação multidisciplinar.

No primeiro destes três problemas de decifração avança-se na interpretação de um texto breve, cuja conservação é limitada e que, pelo menos pela primeira linha, poderá ser um texto português. O procedimento aplicado neste caso baseia-se em recursos de tratamento de imagem: como tornar legível o ilegível, com o inconveniente de que, ainda que apareça vinculado a um texto medieval, é na realidade, por razão do seu suporte material, necessariamente posterior. O segundo é tipicamente medieval e exige para poder ser solucionado a combinação de conhecimentos linguísticos, textuais e iconográficos. Para terminar, apresentar-se-á o terceiro, clássico, que trará a novidade relativa de se tratar de um testemunho antigo e, até agora, desconhecido, de uma língua peninsular com escassa utilização literária e o mesmo inconveniente, relativo à sua cronologia, que o primeiro.

<sup>1</sup> O autor agradece a Ana Carla Souto a sua tradução portuguesa do texto original. Qualquer erro é exclusivamente do autor.

A intenção que anima esta apresentação é em boa parte metodológica, mas não se quis que se subordinasse unicamente ao recurso a meios técnicos para decifrar textos. O trabalho filológico é sempre a parte essencial no processo de decifração.

### Técnicas de imagem para a decifração do texto

O "descobrimento" da colecção Foulché-Delbosc na Biblioteca Nacional da República Argentina e, sobretudo, a sua catalogação e estudo, pôs à disposição do investigador uma série de curiosos textos, manuscritos e impressos. Um dos impressos contém, como é frequente nestas edições antigas, um conjunto de notas manuscritas, algumas das quais são simples provas de pena, enquanto que outras podem revelar certo interesse.

Se bem que, é certo, se trate de um impresso e, por isso, exceda a cronologia medieval, o que interessa para esta exposição é a sua utilização como suporte de problemas de decifração de anotações manuscritas, da letra como imagem, em primeiro lugar, e da letra como testemunho

<sup>3</sup> Sobre as vicissitudes da colecção Foulché-Delbosc desde o leilão de 1936 até o estado actual da parte do fundo adquirida pela Biblioteca Nacional da República Argentina encontra-se cumprida informação em Francisco Marcos Marin: "Presente y futuro de la Filología Electrónica en la recuperación de la Colección Foulché-Delbosc de la Biblioteca Nacional Argentina", *Boletín de la Academia Argentina de Letras*, LXIII, 1998 [1999], 15-52, "La recuperación de la colección Foulché-Delbosc de la Biblioteca Nacional Argentina y una referencia a manuscritos de Quevedo," *Estudios de Filología e Retórica en Homenaje a Luisa López Grigera*, Edição coordenada por E. Artaza, J. Durán, C. Isasi, J. Lawand, V. Pineda e F. Plata. Bilbao: Universidade de Deusto, 2000 [2001], 311-322, "La recuperación de la colección Foulché-Delbosc de la Biblioteca Nacional de la República Argentina," *La Coránica*, 29, 2 (Spring, 2001): 147-157, "Filología electrónica: sobre métodos. Catalogación y análisis como prerequisites de la edición crítica," *Studia in honorem Germán Orduna*, Leonardo Funes e José Luis Moure (editores). Universidade de Alcalá: Serviço de Publicações, 2001, 429-438, "Where is electronic philology going? The present and future of a discipline," *New Media and the Humanities: Research and Applications*. Proceedings of the first seminar *Computers, literature and philology*, Edinburgh, 7-9 September 1998, ed. Doménico Fiorimonte & Jonathan Usher, University of Oxford: Humanities Computing Unit, 2001, 11-22, "Libros de contenido lingüístico en la colección Raymond Foulché-Delbosc de la Biblioteca Nacional de la República Argentina", na *Gramática. Modelos, Enseñanza, Historia*, coord. H. Albano, L. Ferrari, M. Giammatteo, Universidade de Buenos Aires, Faculdade de Filosofia e Letras: Instituto de Linguística, 2001, 71-95. Sobre edições da *Celestina* nesse fundo veja-se Georgina Olivetto, "Las ediciones de *Celestina* de la colección Foulché-Delbosc en la Biblioteca Nacional de la República Argentina", *Celestinesca*, 1998, 22.1, 67-74. O catálogo informatizado, com uma ampla descrição filológica, que inclui transcrições e fac-símiles, sobretudo de manuscritos, encontra-se à disposição dos investigadores em <http://www.llff.uam.es/~fmarcos/informes/BNArgentina/BN.htm>.

textual em segundo, com peculiaridades linguísticas que motivam o seu estudo. Utilizar-se-ão duas notas manuscritas incluídas neste impresso, na frente e verso da capa, respectivamente, para iniciar e encerrar esta exposição.

A descrição do livro segundo o catálogo informatizado da colecção é a seguinte:

Juan de Mena. Las .ccc. del || famosíssimo || poeta juan de || mena co(n) glosa. N.º Catálogo Subasta: 317. Signatura en la Sala del Tesoro de la Biblioteca Nacional de la República Argentina, FD 590. Impreso en Granada, el 7 de noviembre de 1505, por Juan Varela de Salamanca<sup>4</sup>.

Da sua historia sabe-se que entre os seus donos estiveram o Conde de Ezpeleta e Raymond Foulché-Delbosc<sup>5</sup> e que se menciona também a um Llorente Gutiérrez<sup>6</sup>. Está impresso num papel cuja marca de água é uma mão enluvada que sustém uma flor de cinco pétalas [f. X]. Trata-se de um in-fólio que parece menor pela acção da guilhotina, com umas dimensões actuais de 190 x 265 mm. Letra gótica e tintas vermelha e negra<sup>7</sup>.

O colofón diz assim: 1| Acabanse las trezientas dei famoso poeta Juan de Mena:glosadas por Hernand || nuñez de Toledo Cauallero dela orden de Santiago:y emendadas en esta segu(n)da ymp(re)-||sion por el mismo Comendador quitando el latin que no era necesario y añadiendo al||gunos dichos de Poetas enel comento muy p(ro)uechosos para entender las coplas. Imp(re)||sas con grandíssima diligencia por Juan Varela de Salamanca en la muy nomb[rada y] || grand ciudad de Granada. En el año de Milí y quiniientos y cinco años[:a siete siete dias del] || Mes de Nouiembre. No Manual de Palau tem o número 162689. Na frente da folha de guarda final há uma nota de Raymond Foulché-Delbosc, a lápis, que diz: "R 2.' ed de la glosa de Fernán Núñez."

- <sup>4</sup> O seu estado geral é regular. Vermes nas primeiras oito folhas. A guilhotina do encadernador levou boa parte das folhas e das cabeças de página. Restaurada a frente do f. VII e o f. final. Reforçada a frente do f. VIII. Cortada com navalha a margem inferior do f. LVII. Rasgada a f. CIII. Manchas de tinta no verso da capa e em algumas folhas. Humidade e foxing.
- <sup>5</sup> Na realidade, desta personagem a única coisa que sabemos, por agora, é que o seu nome aparece na folha 37r, em nota manuscrita na margem.
- <sup>6</sup> A capa é tipográfica. O resto está impresso numa coluna ou em duas, quando o comentário flanqueia a copla. As dimensões da caixa são 152 x 230 mm. (Dão-se as dimensões de acordo com o critério moderno de base x altura). Está numerado em números romanos a partir da folha aij, primeira do texto, precedido da capa, sem numeração, mas que corresponderia a ai, em cadernos: a-r [8]. Total, 136 ff. de 48 linhas por folha [F. XXIIr], Tem rúbricas e iniciais, na capa, tipográfica, como se disse. No prólogo, inicial iluminada. A capa é uma xilografia composta por quatro linhas de texto escrito em caracteres grossos. A encadernação é moderna, encontra-se em bom estado. Couro sobre cartão. Na lombada, dois rótulos negros decorados com guarda dourada superior e inferior. No primeiro, com letras douradas: "MENA || LAS || TRESCIENTAS". Entre autor e título, uma linha dourada. No segundo: "GRANADA || 1505". Papel de guarda marmoreado em tons de verde, lilás, negro e branco. O recorte inferior não é regular. 198 x 278 x 38 mm.

Este exemplar impresso das CCC inclui abundantes marcas, selos, anotações<sup>7</sup> e provas de pena. A análise começará pela folha **ai** frente, quer dizer, a capa [Figura 1], na sua parte inferior, onde se aprecia uma nota manuscrita muito desbotada, que não se pode ler nem com luz ultravioleta e cuja má qualidade física se aprecia na [Figura 2]. A letra e as peculiaridades que se podem decifrar do texto situam-no a princípios do século XVI. A única linha que parece ler-se bem quase a olho nu e melhor, certamente, com a luz ultravioleta, é a primeira, que, de acordo com essa leitura, seria

de<us> quj nos fiço nos guarde de mal

Parece muito aventureiro supor que se trata de um possível texto português, dado que coincide quase totalmente com o castelhano e só a palavra *deus*, reconstruída desde a abreviatura, assinala uma diferença. A última linha parece começar pelas palavras *de oro*, a qual eliminaria a adscrição à língua portuguesa de todo o texto. No entanto, cada linha parece ser independente da anterior, como se se tratasse de uma série de jaculatórias, o que pode fazer pensar inicialmente num texto em línguas diversas, de um tipo já estudado noutra lugar<sup>8</sup>. O enigma de decifração que o texto estabelece é, sem dúvida, como se pode conseguir ler melhor uma letra quase totalmente desbotada.

<sup>7</sup> No verso do papel de guarda, ângulo inferior esquerdo, a lápis: "4700". Em metade da folha, margem interna: "60". Na frente da capa, ângulo superior direito, com tinta negra: "c.93 n 16". Em baixo, em tinta negra desbotada: "S senhor". Na margem superior, mão de polegar e três dedos desenhados com tinta negra. Sobre o título, figura humana que empunha uma arma, desenhada com tinta negra. A sua direita, com tinta negra: "ccc 1 as cll". Debaixo do título, em tinta negra muito desbotada, o texto de cinco linhas que se analisa nesta exposição. À sua direita, selo azul: "CONDE DE EZPELETA" debaixo de uma coroa. No ângulo inferior direito, rubrica em tinta negra. Ao seu lado, inicial gótica "a", em grossos traços negros. No verso da capa, desenho em tinta negra, feito pela mesma mão que na frente desenhou uma figura humana. Aqui o guerreiro sustem uma espada na sua mão direita e um escudo de dimensão mínima na esquerda. Ao seu redor, manchas de tinta, provas de pena e inscrições. Na margem externa, números romanos. Na margem inferior, com tinta negra, texto de três linhas em basco. No verso do f. 2, no fim do prólogo, com tinta negra: "martes en la noche lleuo villandieg(uez) derecho canonico || y ciuil .22.de junio 1610—". O texto continua em latim. O texto está abundantemente sublinhado e anotado nas suas margens. Na frente da f. XXXVII, ângulo inferior, com tinta negra: "llórente || gutierrez".

<sup>8</sup> Francisco Marcos Marín, "Cuatro muestras de hablas marginales en una hoja suelta del Carmelo de Valladolid." *Revista de Folklore*, n.º 0, 1980, pp. 23-25, e "Un villancico morisco vallisoletano", *Actas de las II Jornadas de Cultura Árabe e Islámica (1980)*, Madrid: IHAC, 1985, 335 - 352.

O processo de estudo deste fragmento começou por uma fotografia digital do texto, com o objectivo de dispor de um arquivo básico para o tratamento de imagens [Figura 3]. A imagem digital em formato TIFF permite a aplicação de tratamentos sucessivos sem perda da qualidade, ao contrário do que acontece noutros formatos, como o JPEG. O inconveniente é que ocupa muito mais espaço; mas esses problemas de armazenamento e memória deixaram de sê-lo nos computadores e são-no cada vez menos nas câmaras digitais.

Agora parece ler-se na segunda linha algo como

mantenga nos de<us>

com um espaço entre as sílabas de *man-ten-ga*.

Na última linha lêem-se duas primeiras palavras *de oro*, e a última sílaba, *da*. A segunda palavra exclui, ao menos para essa linha, o carácter português do texto.

E aconselhável passar este tipo de textos a branco e negro [Figura 4], para poder aplicar técnicas de selecção de tons de cinzentos e de intensificação das letras desbotadas\* [Figura 5], A delicada aplicação dos tons fortes recuperados digitalmente sobre os restos desbotados das letras permite obter uma imagem muito melhorada do texto [Figura 6] no que parece que o início da terceira e da quarta linha corresponderiam às abreviaturas HX de Ihesu Xristo. O *r* lê-se em quarto lugar na terceira linha e o *i* n a quarta, em ambas segue-se sílaba *no*, que, na terceira continua com a sílaba *pia*. O final da terceira linha está riscado. A última letra da quarta linha é um *a*. O que podemos reconstruir do texto, com a ajuda digital, é incompleto, talvez inexacto em alguma leitura, mas pode melhorar-se:

- 1 de<us> quj nos fiço nos guarde de mal
- 2 mantenga nos de<us>
- 3 ///X?r?no pia?? g?? [riscado]
- 4 **IHXI**l no [branco ou desbotado] a q<ue> ????? ?a
- 5 de oro ??? [mancha de tinta, rasgado] g? da

Nas linhas 3 e 4 dever-se-ia interpretar a abreviatura **IH** (normalmente *Ihesus*), seguida de **X** e várias letras até *no*, como "cristão", mas o resto das linhas não dão maiores luzes.

\* Trabalho que se realizou com a ajuda de Laura Rosato, da sala do Tesouro da Biblioteca Nacional da República Argentina.

O estado de conservação limita muito as possibilidades de trabalho sobre um texto que, no que foi lido até agora, tão pouco parece de enorme interesse: um conjunto de jaculatorias para a protecção dos proprietários do livro. O que levou à sua apresentação é a convicção de que os recursos técnicos de tratamento de imagem, cada vez mais acessíveis para o utilizador comum, permitirão decifrar todo este tipo de textos num futuro próximo.

### Decifração da imagem. O livro do xadrez, de Afonso X

A presença de texto em imagens ou as contribuições das imagens para aclarar textos são bem conhecidas<sup>10</sup> e sempre têm interesse, além de uma apreciação estética que aumenta o seu atractivo. As vezes, no entanto, a imagem como tal é já um enigma, porque implica a ruptura de uma série de rituais ou proibições.

A 1 de Julho de 2002 o autor recebeu um e-mail de uma doutoranda norte-americana do Professor Richard Kinkade, Sonja Musser, com uma imagem [Figura 7] e este texto:

Ali images come from Alfonso X el Sabio's 1283 Libro de los juegos. This first one is foi. 17v. I'm interested in the Arabie on the haloed, throned fellow's sleeve. I'm hoping it's a ñame. I have a guess, and have had two other (conflicting) opinions I'll share, but I don't want to color your expectations before you look yourself. Also, what do you make of his halo in a Christian king's work? Sainly or enlightened?<sup>11</sup>

Trata-se do manuscrito CNUM0095. Afonso X. *Libros de ajedrez, dados y tablas*, [pról. inc.] Porque toda manera de alegría quiso Dios. [texto expl.] ...ésta es la figura del tablero y de las tablas. Escrito em castelhano, 1283 ad quem. TEXED 1024. São Lorenzo do Escoriai: Mosteiro, T.I.6 (*olim* I.N.2, I.{XI}.7, I.e.4). Sevilha: Copiado no Escritório

<sup>10</sup> Cfr. Francisco Marcos Marín, "Una nota sobre *épica* e iconografía," *Revista de Filología Románica*, II, 1984, 233-237, "*Tejidos árabes* e independencia de Castilla," *BHS*, LXIII, 1986, 355-361, "*HVN'GVRI AVTEM*," *Philologica II. Homenaje a D. Antonio Llorente*, Salamanca: Universidad, 1989, 333-340.

<sup>11</sup> "Todas as imagens procedem do *Libro de los juegos* de Afonso X o Sábio, 1283. Esta primeira é da folha 17v. Interessa-me o árabe da manga do individuo entronizado com um halo. Espero que seja um nome. Tenho uma proposta e tive outras duas opiniões (não concordantes) que compartirei, mas não quero influenciar o seu juízo antes de a ver. Além disso, que há sobre o halo na obra de um rei cristão? Santidade ou iluminação?" A leitura realizada das letras árabes, por tanto, não se realizou em princípio com nenhuma ingerência, ainda que, ao tratar-se apenas de três letras que eram parte de uma palavra, ter em conta todas as possibilidades para comprovar a intuição da Lda. Sonja Musser no seu trabalho de doutoramento foi natural.

rio real de Afonso X, 1283 em pergaminho. 97 ff. 2 cols. Prov.: Granada: Capilla Real. MANID 1090. Ocupa ff. 1ra-97rb. [pról. inc. 1ra] Por que toda manera de alegria quiso dios, [texto expl. 97rb] ...Et esta es la figura del Tablero & de las tablas<sup>12</sup>.

A imagem da folha completa [Figura 8] é imprescindível para encontrar uma solução. O texto descreve a partida de xadrez, à qual corresponde a imagem no tabuleiro, pelo que é obrigatório partir da iconografia.

A figura mostra um sábio<sup>13</sup>, com um halo de iluminação<sup>14</sup>, muçulma-

<sup>12</sup> Cfr. Julián Zarco Cuevas (1924-29), *Catálogo de los manuscritos castellanos de la Real Biblioteca del Escorial*, II, pp. 386-88. José Simón Díaz (1963), *Bibliografía de la literatura hispánica*, n. 1182. John G. White, ed., *Das spanische Schachzettelbuch des Königs Alfonso des Weisen vom Jahr 1283. Illustrierte Handschrift im Besitze der Königl. Bibliothek des Escorial (j.T.6 fol.)*. Band I und Band II. Leipzig, Karl W. Hiersemann, 1913. *Libros de Acedrex, Dados e Tablas; Das Schachzettelbuch Alfons des Weisen nach der handschrift J. T. 6 fol. des Escorial, mit glossar und grammatischem abriß*, ed. e trad. de A. Steiger, Genève, E. Droz, 1941. Ricardo Calvo Mínguez "El Libro de los juegos de Alfonso X el Sabio" em Alfonso X el Sabio. *Libro de ajedrez, dados y tablas*, 2 volumes. Madrid: EDILAN, Vicent García Editores, Valencia & Ediciones Poniente, 1987, págs. 125-235. Edição eletrônica em F. Marcos Marín, C. B. Faulhaber et al. *ADMYTE*, II, CD-rom. Cf. et. Alfred Kiefer, *Das Schachspiel in Literatur und Kunst*, München, Münchner Buchgewerbehaus, 1958; Reinhard Wieber, *Das Schachspiel in der arabischen Literatur von dem Anfängen bis zur zweiten Hälfte des 16. Jahrhunderts*, Bonn, Anexo de Sprach- und Kulturgeschichte des Orients; 22, 1972. H. J. Murray, *A History of Chess*, (1913) reimpr. Northampton, Massachusetts: Benjamin Press, 1985.

<sup>13</sup> Esta é a descrição de Steiger, que agradeço a Sonja Musser, bem como toda a sua ajuda e crítica sobre este texto e suas imagens, assim como as referências nesta nota: "In einem zierlich gedrechselten Sessel sitzt ein spielender Araber, dessen hohen Rang sein prunkvoller Turban und der mit Schriftzeichen bestickte Arme verraten. Hinter ihm steht, als weiteres Zeichen seiner Macht, ein Scharfrichter, der sich auf ein breites Schwert stützt. Zwei andere Mauren beraten ihren Herrn beim Spiel. Sein Partner ist ein weißbärtiger Mohammedaner. Die Erklärung dieser Miniatur bietet einige Schwierigkeiten, da man erwarten würde, daß der vornehme Spieler nach arabischer Sitte auf Teppichen oder Kissen sitzt. Außerdem gab ihm der Maier einen Heiligenschein und ein goldenes Szepter." Como se vê, Steiger interpreta o halo como de santidade e não alude aqui à flor do que chama 'ceptro'. Calvo, por sua parte, diz que: "A solução encontra-se na posição xadrezística, que era bem conhecida pelos árabes e que se transcreveu por tanto em diversos manuscritos islâmicos. Um deles, descoberto pelo doutor Paul Schroeder, foi copiado no dia 21 do mês do Ramadão do ano 618 (1221 do nosso calendário) por Muhamed ben Hawa Othman, "o mueddib", e reproduz o problema com o seguinte comentário: "Al-Mahdi (o pai de Harum ar Raschid) fez este problema; não ocorreu em nenhuma partida real." Continua Calvo (132): "Como comenta Murray (pp 194-195, e também 317-318), esta história é de valor histórico incerto. O califa al-Mahdi, terceiro da dinastia abbásida (morto no ano de 785), considerava com ligeira desaprovação a prática dos jogos, incluindo o xadrez, segundo se desprende da sua carta aos habitantes da Meca reproduzida por WUstenfeld (*Die Chroniken der Stadt Mekka*, Leipzig, 1861, ff. iv. 168) na qual aconselha-os a prescindir "de todas essas vaidades que estragam o pensar em Deus e

no, como indica o turbante, com uma vara na mão rematada por uma flor, possivelmente um nardo<sup>14</sup>. Este símbolo do nardo aparece também noutras miniaturas do manuscrito, como os turbantes do Rei da Índia e dos três sábios que lhe apresentaram, por turno, o jogo do xadrez, o dos dados e o do gamão, na folha 2r [Figura 9]. A personagem está sentada numa cadeira alta, uma cátedra, tudo nele reafirma a sua posição elevada, como já assinalou Steiger. Por trás dele situa-se uma personagem sem turbante e com traje cristão, armado de espada larga, embainhada que Steiger interpretou como um verdugo. Entre ele e o tabuleiro há outras duas personagens, um deles sentado sobre os seus joelhos, na tapete sobre a que se mostra o tabuleiro e, do outro lado deste tabuleiro, um terceiro, estes três muçulmanos, pelas suas vestes e turbantes. Os três olham para a personagem sentada na cátedra, com claro aspecto de interrogação, destacado pelo gesto dos dedos do que está de pé e o oposto. A personagem da cátedra parece assinalar o movimento das peças: é, claramente, o proponente do problema. Nada mais distrai a atenção.

Podemos voltar à partida. Na sua contribuição ao excelente fac-símile, R. Calvo indicou que o manuscrito *H* atribui o problema apresentado no tabuleiro a Al-Sūlī, enquanto que o manuscrito *V* afirma: "Foi composto por Al-Mahdi, o pai do califa Harum Ar-Raschid, e não sucedeu em nenhuma partida". De acordo com isso, Calvo (184) supõe: "Esta fonte, oral ou escrita, é a que atende em sua miniatura o ilustrador do rei

interferem com as obrigações para com ele e com as rezas na mesquita". Mas, por outra parte, há também constância de que na corte de al-Mahdi se jogava xadrez, como também na de seu filho e sucessor Harum-al-Rasid. O manuscrito árabe, segundo Murray, denota uma certa tendência a atribuir os problemas a personagens famosos e as suas afirmações "necessitam ser tratadas com precaução".

<sup>14</sup> Para cuja interpretação é referência obrigatória o *Libro de las Luces*, um texto mourisco.

<sup>15</sup> Da flor parecem desprender-se, marcados por umas linhas, os aromas do perfume. A metáfora do perfume da sabedoria é corrente. Em perfumaria considera-se o nardo a flor mais sensual e por isso é a que se recomenda para adornar o altar nas bodas. No mundo semítico, o nardo produz o perfume por excelência, que se cita no *El Cantar de los Cantares* (v. 12). Segundo três dos evangelhos canónicos e o *Evangelio Árabe de la Infância*, o unguento que Maria Madalena derramou sobre os pés de Jesús e enxugou com o seu cabelo era perfume de nardo. Esta flor, segundo os alquimistas, ajuda a regenerar as funções mentais quando falta a concentração. Murray conta uma situação engraçada cuja narração se atribui a al-Masudi, amigo e companheiro de al-Sulī: "conta-se que al-Radi-bi-l-lah passeava um dia pela sua sede campestre de Turayya, quando foi atraído por um belo jardim, de céspedes e flores. Perguntou aos seus cortesãos se tinham visto algo mais belo. Os cortesãos começaram imediatamente a pronunciar-se sobre as maravilhas do jardim, a exaltar a sua beleza e a colocá-lo acima das maravilhas do mundo. 'Basta', disse o califa, 'a mestria de al-Sulī no xadrez encanta-me mais que estas flores, e mais do que tudo o que mencionásteis!'"

Afonso o Sábio, que representa conduzindo as peças vencedoras a um califa, sentado no seu trono, com ceptro de comando, e com típica auréola que aparece em numerosas figuras da pintura islâmica. Trata-se provavelmente de Al-Mahdi."

No entanto, as letras na manga direita da personagem sentada parecem dar razão ao manuscrito *H* e apoiar a intuição de Sonja Musser<sup>16</sup> sobre a personagem representada: Abū Bakr Muhammad bin Yahya al-SOIT. As letras correspondem à escritura cúfica florida e podem ler-se SWL. Tanto o S como o L mostram traços que indicam que vão unidas a uma letra anterior e a outra posterior, respectivamente.<sup>17</sup> Afonso o Sábio segue, por tanto a tradição de atribuir esse problema ao célebre mestre xadrezista<sup>18</sup>.

Na sua aparente simplicidade, as iluminações do manuscrito suscitam várias outras questões, que, em parte, têm uma solução com apoio no prólogo do livro. Nele o rei assinala como os jogos são instrumentos de 'alegria' para os homens, com objecto de facilitar-lhes o enfrentar inevitável das asperezas da vida<sup>19</sup>. Tal perspectiva, com a qual, a partir da ascensão da concepção judaico-cristã ocidental, estaríamos de acordo, choca com bastantes interpretações restritivas do mundo muçulmano, ao qual as vestes e todos os dados iconográficos, incluídas a grafia e a língua árabe das inscrições, remetem.

<sup>16</sup> Sonja Musser Golladay tese em preparação, "*Los libros de acedrex dados e tablas: Historical, Artistic and Metaphysical Dimensions of Alfonso X's Book of Games*". University of Arizona, Tucson, director Richard Kinkade.

<sup>17</sup> Os grafemas árabes mudam a sua forma, dado que a escritura é em itálico, em posição inicial, medial, final ou separada. O S do texto aparece com a forma medial, enquanto que o L vem a seguir a um W (um dos grafemas que não se prolonga a sua esquerda, ou seja, no sentido da escritura, da direita para a esquerda), pelo que o L que a segue é uma inicial, melhor que separada, isto é. unir-se-ia a uma letra seguinte, que não cabe na imagem. Essa letra seguinte, pelo que se vê do traço de uma o, poderia ser um E, final do nome pelo que é conhecida a personagem.

<sup>18</sup> Abu Bakr Muhammad bin Yahya al-Sūlī nasceu na região de Julján, perto do mar Cáspio, em data desconhecida, talvez c. 850, ainda que alguns biógrafos atrasem o seu nascimento até c. 880, e morreu em Basora, em 946. Descendia do príncipe turco Sultakin e era sobrinho do poeta Ibrahim bin al-Abbas, também chamado al-Suli. A sua Posição na corte de Bagdade melhorou depois de derrotar e substituir, entre 902 e 906, al-Mawardi, campeão da corte do califa abbasí al-Mukafti. Continuou neste posto com os dois califas posteriores, al-Muqtadir e al-Radi. Escreveu uma das obras fundamentais sobre o jogo, os dois tratados do *Livro do Xadrez, Küab al-Satran*).

<sup>19</sup> Santiago Kovadloff, em *Ensayos de Intimidad*, Buenos Aires, emecé, 2002, 179-195, traça um "retrato da alegria", que distingue da felicidade e que coincide com a proposta do rei Sábio, sem ter consciência disso.

Ainda que não faltem defensores e partidários dos jogos entre os muçulmanos e a sua prática esteja amplamente estendida, podemos reproduzir uma rápida antologia de precauções ou simples proibições, baseadas na afirmação de que o profeta Muhammad incluiu o xadrez entre os "jogos de sorte", e que chegou a dizer que os jogadores de xadrez preferiam continuar com a sua partida a ir à oração. Estas afirmações não se encontram no texto alcorânico, a não ser nos hadices, textos que reúnem 'ditos do Profeta', segundo uma série de atribuição, oral, que deve cumprir certas condições para se considerar fiável.

Segundo *Muslim* 946 o profeta disse: "Quem joga xadrez é como o que tinge a sua mão com a carne e sangue de um porco".

Um hadiz de *Malik* 554:1725-7 atribui ao profeta o dito de que quem joga xadrez desobedece a Deus e ao Seu mensageiro.

Aixa, a esposa de Mahoma, considerava o xadrez mau e Omar, o segundo califa, golpeava, ao que parece, os jogadores e partia as peças do jogo. No seu *Risala*, 45.03, *jogos e apostas*, Malik matiza: "não se permite jogar gamão (backgammon) ou xadrez; mas não há dano em dizer a paz esteja contigo<sup>30</sup> quando um se aproxima dos jogadores". E repreensível sentar-se e observar o jogo, que é precisamente o que fazem o rei Afonso ou o rei ou as personagens muçulmanas representadas na iconografia.

Em 643 Omar, nascido al-Jattab, sogro de Mahoma, perguntou se o jogo era legal. Em 655 o califa Ali b. Abú Tálíb, genro de Mahoma, desaprovou que os muçulmanos jogassem xadrez; mas muçulmanos tão ilustres como o general Amr b. al-Asi, conquistador do Egipto, morto em 665, era um reputado jogador.

<sup>30</sup> Saudação muçulmana que, em alguns momentos e lugares, os cristãos tinham proibido. Sobre estas questões há informação na Internet, em <http://www.understanding-islam.com/related/text.asp?type=question&qid=533>, ou <http://www.understanding-islam.com/related/text.asp?type=discussion&did=131>. Tenha-se também em conta que é possível contrariar-se um transmissor de hadiz, ainda que se saiba que se trata de uma pessoa íntegra. Para isso basta assinalar uma debilidade da sua memória, ou que transmite um relatório de cuja certeza não está totalmente seguro. Se assim for, classifica-se o homem como bom e honrado; mas indica-se que sua hadiz é *débil*. Basta que se saiba que um transmissor tenha cometido o mais pequeno erro. para que os seus relatórios se contradigam. Há contos sobre a contradição de um transmissor porque foi visto cavalgando muito rápido na sua mula. Um estudioso do hadiz foi a Basora para conhecer os seus famosos sábios. Aproximou-se de um deles, com a esperança de ler os hadices que tinha reunido. Mas quando chegou, encontrou-o jogando xadrez. Deixou-o sem sentar-se nem escutá-lo. Até aqueles que afirmam que não há nada de mal em cavalgar uma mula depressa ou em jogar xadrez reconhecem que são actividades censuráveis num estudioso do hadiz.

Os defensores do xadrez apoiam-se em que o jogo que se proíbe nos ditos ou hadices em boca do profeta se chama "*nard*" ou "*nardshir*", um jogo de gamão parecido ao *backgammon*. Menciona-se o "*Shitranj*" - o que conhecemos como *xadrez* - em alguns ditos; mas não chegam a ter o mesmo grau de autenticidade requerido para assegurar a sua atribuição ao profeta. Daí supostas diferenças de opinião entre os juristas. Diz-se (apesar dos exemplos de Malik citados), que nem o Imam *Malik* nem o Imam *Shafie* nem os seus seguidores consideram proibido o xadrez, enquanto que os juristas que não o consideram lícito baseiam-se, não num dito do profeta, senão por relacionar o jogo com a proibição do "*nard*" ou "*nardshir*". Os defensores asseguram que derivar a proibição do xadrez da do "*nard*" parece inadequado se se considera que o "*nard*" é em princípio um jogo de dados (azar) e que se jogava com fichas que o qualificavam como aposta, enquanto que o xadrez é um jogo de habilidade mental. Há uma razão histórica, certamente; mas não tem que ver com o jogo actual (ou medieval, para o caso): o antepassado do xadrez, o *chaturanga*, jogava-se atirando os dados para mover as peças segundo o valor marcado por estes.

Neste contexto, tão controverso no século XIII como no XXI (a julgar pelos debates actuais entre muçulmanos na Internet), a representação do turbante é um indicador da pertença à comunidade muçulmana (os cristãos não podiam levá-lo e tinham os seus próprios chapéus distintos), enquanto que a precisão com a que se reproduzem jogadas concretas de partidas identificáveis, nas ilustrações, é clara mostra de uma tradição iconográfica continuada, da qual apenas se conservam hoje os exemplares mais notórios, assim como de uma vigência dos jogos que prova o seu profundo enraizamento

A cooperação entre investigadores com conhecimentos complementares, capazes de completar dados textuais e iconográficos com a análise cultural, permite ler as letras da manga da personagem principal representada na folha 17v como - SWL - e assegurar, corroborando a tese de Sonja Musser, que se trata do mestre de xadrez do século XI, erudito e polígrafo, Abū Bakr Muhammad bin Yahya al-Sūlī. Afonso X seguiu uma tradição árabe que lhe confere o problema delineado. As miniaturas do *Livro de xadrez* não são neutras, transmitem um claro apoio aos partidários da licitude do jogo e inscrevem-se numa consideração do lícito e da alegria que não tem uma contrapartida clara no mundo muçulmano. O seu alcance também não se limita a esse mundo, porque, paralelamente, a Igreja católica proíbe a prática deste jogo, muito relacionada com apostas em dinheiro. Em 1212, o Concílio de Paris condenou o xadrez, após a sua condenação pelos bispos Guy e Eudes de Sully.

Esta sentença é confirmada na Polônia pelo rei Casimiro II e em França por São Luís (1226-1270). Pode-se, entretanto, admirar, nos dias de hoje, um belo jogo de cristal de rocha, conservado no Museu do Louvre de Paris, cuja propriedade remontaria ao próprio santo. Felizmente, estas proibições não se mantiveram, mas isso dá mais força à atitude aberta e permissiva do Rei Sábio.

### Decifração da letra. Um texto manuscrito basco na edição das CCC de 1505

Pode regressar-se agora ao impresso das CCC de Juan de Mena, do qual interessam para o último enigma as três linhas do verso da capa, escritas em basco, cuja leitura depara o primeiro problema de decifração textual clássico, o da letra. Pode afirmar-se que é uma letra do século XVI<sup>21</sup>, pelo que podia ser do primeiro ou de um dos primeiros proprietários do impresso. A olho nu lê-se com dificuldade [Figura 10], mas aplicando luz ultravioleta à tinta entende-se com absoluta nitidez [Figura 11] e lê-se o seguinte, transcrito noutra modificação que o uso do <s> ordinário, que é sempre *s alto* no texto:

Mutila nescatoa andrea gisona mutil chaperuge // [zue<sup>22</sup>] // antonjo  
gandaygu suquetanjque gandaygu // armosadu meryendadu  
(mutila, neskatoa, andrea, gizona, mutil txaperuge [zue] Antonio, jan  
daigu[n] suk eta nikjan [¿edan?] daigu[n] armosadu meriendadu)

Comprovou-se a leitura com fotografia digital e limpeza electrónica, mas neste caso a lâmpada de quartzo foi suficiente.

O texto em si carece de interesse, pode ser uma prova de pena, sem mais, com a peculiaridade de que se tenha usado o vasconço. Agora, no século XVI também não era usual escrever nesta língua e, desde logo,

<sup>21</sup> O autor agradece a Maria Vilaplana, catedrática de Paleografia da Universidade Autónoma de Madrid, a sua ajuda na análise da letra e numa primeira leitura, anterior ao estudo minucioso que pude realizar sobre o texto em Julho de 2002, com raios ultravioleta e limpeza digital e a ajuda técnica de Laura Rosato, funcionária da Sala do Tesouro da Biblioteca Nacional da República Argentina. Qualquer erro de leitura e interpretação é exclusivamente do autor.

<sup>22</sup> Esta palavra, à margem e nas entrelinhas. Parece tratar-se da forma sufixada *-zue*, que indicaria, ou que as formas em *-gu* (nosotros) poderiam ser substituídas por formas em *-zue* (vós, vocês), ou que a forma *zu* se refere a um plural (*zuek* seria assim equivalente a *zuek*). Veja-se também a nota seguinte.

que se fizesse dá algumas pistas sobre a história do livro. A tradução<sup>23</sup> seria a seguinte:

O moço, a moça, a mulher, o homem, moço sem boina // [vós?] // António,  
comamos vós e eu, comamos [¿bebamos?], // almoçemos, merendemos

<sup>23</sup> A ajuda de Joseba Abaitua e Joseba Lakarra permitiu precisar a tradução de *jan daigu*. P. Salaberri proporcionou uma ampla informação junto com uma proposta de tradução que serve de base à que se oferece: "*Mutila, neskatoa, andrea, gizona, mutil txaperuge // Antonio, jan daigu[n] suk eta nike jan daigu[n] // [zue; //armosadu, meriendadu*. Está sem dúvida escrito em basco ocidental, pelo auxiliar *daigu[n]* equivalente ao central e oriental *dezagun*, formas de subjuntivo de verbos transitivos de dois argumentos, do tipo de *jan* 'comer' ou *edan* 'beber', pelos finais em *-du* em lugar do mais estendido *-tu* e talvez também pela pronúncia apicoalveolar da fricativa surda basca da sua, em origem *zu*, com dorsoalveolar, se não trata-se de uma questão meramente gráfica, o que também é possível. *Andrea* é uma forma determinada, com artigo, como *mutila, neskatoa* e *gizona*, o qual quer dizer que a forma nuda pode ser *andra*. Ou seja, *andra* + *a* > *andrea*, traço do basco central-ocidental. Há um ponto que para mim não está totalmente claro, mas creio que se pode traduzir assim: Moço, moça, mulher, homem, moço sem boina / sem gorro // Antonio, comamos tu e eu também, almoçemos, merendemos. Creio que o *zue* da margem não pertence ao texto; digo-o porque de outra maneira seria incoerente em grande medida. *Chaperuge*, por outro lado, parece que é um composto de *\*chaperu*, que poderia estar por *\*kaperu* (cfr. *kapelu, kapela*) ou por *\*txaperu* (cfr. *txapela*) e *-ge* relacionado com *bage, gabe* 'sem' (cfr. *ahalke, ahatge* 'vergonha', de *ahal* 'poder' e *-gabe* 'sem', segundo Mitxelena, *Fonética Histórica Vasca*, 354). Quero dizer que o som inicial poderia ser tanto palatal como velar, mas o digrama *ch-* faz com que me incline pela africada palatal." Prossegue: "É duvidoso que em *suquetanjque* tenhamos *suk/zuk eta nik e[re]* 'tu e eu também', pois esperaríamos a forma ocidental *bere*, reduzida na actualidade na comunicação oral a *be*, como *ere* a *e*, ainda que não seria, creio, impossível que aparecesse *ere* com outros traços mais ocidentais como *daigu[n]* e *-du*. No entanto, a data demasiado inicial do texto também contradiz a redução mencionada, trata-se de *bere* > *be* ou de *ere* > *e*. Por isso, considero que não é impossível que em *suquetanjque gandaygu* tenhamos *suk / zuk eta nik edan daigu[n]*, ou seja, 'tu e eu bebamos', que faria pendant com o *jan daigu[n]* 'comamos' anterior. Com esta suposição poderia considerar-se que há um erro gráfico de <g> por <d> causado talvez pelo *gandaigu* anterior. Para terminar, quero recordar que *mutila* e *neskatoa* nos falares orientais significam também 'criado', 'criada', mas ao tratar-se de um texto ocidental parece que há que preferir a tradução exposta acima. Aos verbos *armosadu, meriendadu* falta-lhes o auxiliar *daigu[n]*, mas estas supressões são normais em basco, para evitar repetições pesadas (*etorri zen, eseri zen eta hizketan hasi zen* 'vino, sentou-se e começou a falar' => *etorri, eseri eta hizketan hasi zen*)." Também assinala a falta da nasal em *daigu* 'daigun'. Outro informador, que deseja o anonimato, coincide em que é ocidental. Discrepa no final: parece-lhe estranho que o auxiliar *daygu*, que pode ser comum para os três verbos, não se encontre, como é normal, depois do último. Dado que este e o anterior estão sem conjugar, o qual também é estranho, pensa que a nota *zue* deve ser *zuen*, marca de terceira pessoa para ditos verbos, de modo que a 'comamos nós' (precisa que no sentido amplo de 'comer'), se opõe 'tomou o pequeno-almoço e lanchou ele'. Obrigado a Fernando González Ollé pela sua ajuda no processo de conseguir dados de bascos navarros.

Ainda que *suquetanique* (zuk eta nik), não tenha constituído nenhum problema de interpretação como caso ergativo das formas pronominais de segunda e primeira pessoa, unidas pela conjunção copulativa, esta opinião reforça-se com o apoio de Joseba Lakarra, que escreve, em nota privada, "se bem que não haverá abundantes paralelos nos textos bascos da época, <-nique> pode não ser mais que uma forma "extraplena" (como em micénico ou em celtibérico em escritura ibérica) de escrever /-nik/ dado que as velares finais são fonológica e morfologicamente inexistentes em romance e é este que impõe os seus usos gráficos ao vasconço (há que lembrar bastantes casos comparáveis [até o XVII] com <-s> em vasconço por /-z/, em textos de dialectos sem a neutralização de sibilantes que, naquela época, não conseguia cobrir mais de metade ocidental do território de dialecto biscaio)." Em troca, para *gandaygu*, a sua interpretação revelou-se fundamental e convincente. A partir de uma proposta de Joseba Abaitua de interpretação de *daygu* como forma do verbo auxiliar *egin*, 'fazer', escreve: "deveria aclarar-se o valor da consoante inicial de gan-, mais a sintaxe do fragmento e o valor de suquetanique: abreviando, não descarto que daygu seja uma espécie de futuro (há múltiplos exemplos, muitos reunidos na minha edição do [livro<sup>24</sup>] *Refranes y Sentencias* de 1596) e em concreto de imperativo para o que creio que poderia encontrar alguns paralelos. Por outro lado, haveria que pensar num <g> por /x/ como em, entre outros, um texto de 1658 editado por Mitxelena e logo por Sarasola." Uma vez que o basco segue a grafia do castelhano, a atribuição ao século XVI permite aceitar este dado, que se poderia situar em relação com os abundantes textos nos quais a incipiente fricativa velar surda do romance se representa com a única fricativa velar possível, o sonoro <g>, fonologicamente /g/, mas foneticamente também [y], fricativa. No entanto, é perfeitamente possível interpretar o <g-> inicial como uma grafia palatal, que é o provável em princípio, para o resultado da semi-consoante <j-> do vasconço<sup>25</sup> e que encaixa com a tradição navarra de empregar o <g> para a representação de palatais, tanto ante vocais não palatais como em combinação para indicar a nasalização da consoante.

<sup>24</sup> J. A. Lakarra, *Refranes y Sentencias* (1596). Ikerketak eta edizioa. Bilbao: Euskaltzaindia, 1996.

<sup>25</sup> Para a evolução dos diptongos ascendentes em vasconço cfr. Luis Michelena, *Fonética Histórica Vasca*, San Sebastián, 1977<sup>2</sup>, capítulo 9. Em castelhano, a grafia <g> poderá utilizar-se incluindo para o [h] aspirado, como se vê num documento de 1563, outorgado em Mojácar (Almería), no qual uns cristãos cativos dos turcos dizem de outro, a quem recomendam, que "*gazia* [ha9ia] todo bien a xristianos", Juan Martínez Ruiz, "Cautivos precervantinos. Cara y cruz del cautiverio", *RFE*, L, 1967, p. 239, citado por Rafael Lapesa, *História de la Lengua Española*, Madrid: Gredos, 9º ed., 1981, §92.7.

As formas verbais *armosadu meryendadu* oferecem claros exemplos de empréstimos romances, com a forma *-du*, do vasconço ocidental, que corresponde à zona de origem proposta. O texto é de grande banalidade, desde o ponto de vista do seu conteúdo, ainda que não maior nem menor que outros testemunhos primitivos de outras línguas; em troca, coloca interessantes questões linguísticas.

A escrita do basco<sup>26</sup>, recorde-se, com precedentes onomásticos em inscrições latinas, vai unida à do castelhano nas *Glosas Emilianenses*, no século X. A seguir encontram-se restos esporádicos em documentos romances, em forma de palavras soltas, topónimos ou antropónimos pelo geral<sup>27</sup>. Para compreender melhor a importância destes fragmentos tenha-se em conta que os que têm mais de cinco palavras são escassíssimos até ao séc. XVI: encontra-se um nas *Bienandanças e Fortunas* de Lope García de Salazar (1399-1476)<sup>28</sup>, e outro no Vocabulário incluído no relato da peregrinação de Arnold von Harff, de 1499<sup>29</sup>. No século XVI há que esperar até 1521 *a.q.* para a fórmula de emprego da regra da terceira ordem de São Francisco (*ibid.* p. 142-143) e o primeiro texto mais comprido é o do capítulo IX do livro segundo de *Pantagruel*, de Rabelais, ed. 1542, que, curiosamente, refere-se também a actividades manducativas (**Michelena**, *cit.* p. 148). Sem necessidade de entrar agora na história da língua basca, recorde-se, pela muito possível proximidade de datas, a carta do primeiro bispo de México, Frei Juan de Zumárraga, a Carolina **Ruiz**, viúva de ñigo Martínez de Arrazola, datada de 15 de Fevereiro de 153730.

~ Cfr. Luis Michelena, *Textos arcaicos vascos*, Madrid, Minotauro, 1964 e Joaquin Gorrochategui "Euskararen históriaurreaz zenbait gogoeta. Algunas reflexiones sobre la prehistoria de la lengua vasca", lição inaugural, Universidade do País Basco, s.d., s.l. [1996?].

<sup>27</sup> Neste mesmo fundo Foulché-Delbosc, Catálogo da Subasta 1519, assinatura da BN Argentina: FD702. É uma tradução castelhana, ao que parece do século XVI, por encargo de Jerónimo Zurita, com notas da sua mão, do livro do conde de Barcelos, D. Pedro de Portugal, que se intitula *Libro de los linajes de España*. No tit. IX, de Vizcaya, f 15 v: "todo / el campo quedo lleno de sangre y de piedras q(ue) ay auia y por esta / mortandad que hauia ay tan grande q(ue) las piedras y el campo / fue todo vermejo pusiéronle nombre al campo el campo de Ar/guriega q(ue) tanto quiere dezir en su le(n)guaje de vascuence como pie/drás Bermejas, y oy en este dia tiene este nombre". Em basco unificado: *harrigorriaga*, geralmente *arrigorriaga*.

<sup>28</sup> No livro XXIII, f. 108 s., p. 252 s. da ed. Rodríguez Herrero, segundo Michelena, *cit.* P- 61,

<sup>29</sup> *Ibid.* p. 63.

<sup>30</sup> Antonio Tovar, Enrique Otte e Luis Michelena, "Nuevo y más extenso texto arcaico vasco: de una carta del primer obispo de México, Fray Juan de Zumárraga", *Euskera*,

A presença desta nota em basco no exemplar impresso das *Trescientas* conservado em Buenos Aires, à parte da sua relativa importância linguística, tem um interesse talvez maior no que concerne à história do livro, vinculada com selo com a coroa do conde de Ezpeleta. Trata-se da história de uma família navarra ilustre, descendente de São Luís Rei de França pelo ramo Beaumont. Francisco de Ezpeleta, quarto barão de Ezpeleta e quinto visconde do vale de Erro casou-se com Engrace de Luxe, décima geração de descendentes de São Luís, filha segunda de Juan IV de Luxe e de Isabel de Gramont, cujo casamento se tinha celebrado em 1534 ou 1535<sup>31</sup>. Anteriormente, uma Ezpeleta, dona Juana, tinha casado em 1406 com Mosén Pierres I de Peralta<sup>32</sup>, o velho, grande personagem da corte navarra<sup>33</sup> que figura em primeiro lugar em muitos acontecimentos célebres, como a coroação de D. Juan II e de Dona Blanca em Pamplona ou o casamento da infanta Dona Blanca com o Príncipe das Astúrias em Alfaro. Fundou em 1438 o morgado de Marcilla, que foi o primeiro morgado estabelecido como tal em Navarra, cuja licença tinha outorgado o rei Carlos III (1387-1425)<sup>34</sup> até 1409. Mosén

XXVI, 5-14. [Citado por separata s.d., mas datado em Donostia, "1980-IX-26", o número da revista corresponde a 1981]. Ao redor deste basco ilustre produziram-se vários dos documentos arcaicos bascos reunidos por Michelena, *op. cit.*

- <sup>31</sup> Bisneta, por tanto, de Juana de Beaumont, da casa real navarra. Em 1469 casou-se com Juan, segundo senhor de Luxe. Era a sexta filha de Luis I de Beaumont, primeiro conde de Lerín, nascido a 25/8/1424 e morto em Madrid em 1462, casado em 1424 com dona Juana de Navarra. Luis I de Beaumont, por sua vez, era o primeiro filho do segundo casamento de Charles de Beaumont, senhor de San Martín de Unx e de Beire, condestável de Navarra (1361 - 1432), celebrado em 1407 com Anne de Curton, Dame de Curton e de Guissens.
- <sup>32</sup> Senhor das Vilas de Peralta e Andosilla, Marcilla e Vilanueva, Mestre de honras ou Mordomo maior do rei D. Carlos III e do seu Conselho, Conselheiro e Secretário do Rei. Nele inicia-se a árvore genealógica dos Marqueses de Falces.
- <sup>33</sup> Quando Mosén Pierres recebeu de Carlos III de Navarra o título de rico-homem, no ano 1416, acrescentou ao seu escudo heráldico (grená com o grifo em ouro, alado e armado de azul, o bordado cosido a grená, os oito sotueres rebaixados a ouro) um quarto das armas do rei, no seu caso, a quarta parte das capturas procedentes da batalha das Navas de Tolosa (1212.)
- <sup>34</sup> A Carlos III sucedeu-lhe a sua filha Blanca (1425-1441), casada com Juan II de Aragão. O confronto entre este e o seu filho Carlos, Príncipe de Viana, pelo poder em Navarra, dividiu a nobreza navarra entre os agramonteses, que apoiaram Juan II, e os beaumonteses, que apoiaram Carlos. Juan II regeu Navarra de facto até à sua morte, em 1479. Sucederam-lhe os seus netos Francisco Febo (1479-1483) e Catalina (1483-1512), casada com o francês Juan de Albret, o que levou-os a procurar a aliança com a França, numa tentativa de se afastar da influência de Castilha. Fernando o Católico invadiu Navarra em 1515 e anexou-a à Coroa de Castilha, mesmo sendo rei de Aragão e não de Castilha (a rainha era sua filha dona Juana, a mãe do imperador Carlos).

Pierres de Peralta estabeleceu esse morgado para o seu primogénito, o malogrado Juan de Peralta<sup>35</sup>.

Na linguística, a vinculação com Beire e San Martin de Unx é significativa. Em *Orígenes del español*, Menéndez Pidal cartografava o limite de predomínio do vasconço nos séculos IX-X<sup>36</sup>, situando entre as povoações mais meridionais a Beire. Um documento de 1587, conservado na Biblioteca do Seminário de Vitoria e editado por M. Lecuona<sup>37</sup>, inclui uma lista das povoações do bispado navarro de Pamplona na qual se diferenciam as que falam basco das que não falam. Em San Martin de Unx ainda se falava basco em 1587, segundo esse documento, ainda que, à luz de outras interpretações<sup>38</sup>, é provável que se tratasse já de um núcleo bilingue, em fase de castelhanização avançada. O desenvolvimento histórico de Beire iniciou-se como um núcleo repovoado desde San Martin de

Nasceu aos treze anos de casamento, foi apadrinhado pelo rei Carlos III e pela rainha viúva de Sicília, mas morreu cedo, pelo que herdou o morgado de Marcilla o segundo filho Mosén Pierres II, o Jovem, casado duas vezes, a primeira com Ana de Bravante, no dia 27 de Dezembro de 1440, sendo menor de idade e a segunda com Isabel de Foix, da família real navarra, a 8 de Junho de 1462, da qual teve uma filha, a infanta de Navarra Ana de Peralta. De Ana de Bravante, sua primeira mulher, teve um filho e uma filha. Pierres III morreu jovem, pelo que dona Juana de Peralta herdou todos os títulos e propriedades. Em 1467 casou-se com D. Troilos Carrillo, Conde de Agosta, célebre cavaleiro de Toledo, que libertou D. Juan de Aragão quando os franceses o tinham sitiado em Perpignan no ano de 1474. Don Troilos e dona Juana tiveram só um filho que se chamou Alonso Carrillo e de Peralta, o qual viria a ser o primeiro marquês de Falces. Terceiro conde de Santisteban de Lerín, duas vezes Grande Condestável de Navarra, Grande Mariscal, Barão de Marcilla, Peralta e Falces. O imperador Carlos V escreveu a Marcilla a 5 de Março de 1520 desde Valladolid, contando-lhe que se ia coroar em Aquisgrán como imperador, o que confirma a sua importância. Fez o testamento em 1533 e deixou a vontade de ser enterrado junto à sua mulher, Ana de Velasco, da família dos Condestáveis de Castilha. Don Alonso e dona Ana tiveram três filhos, Antonio, Pedro e Luis. Don Antonio Peralta e Velasco, I do nome, II marquês, herdou a baronia e por tanto o palácio e o povo de Marcilla. Na guerra dinástica de Navarra defendeu os interesses de don Juan de Albret e dona Catalina de Foix. A 17 de Março de 1516, à frente das tropas invadiu Navarra, ajudando D. Juan a recuperar o trono. Depois de muitos sucessos retirou-se para Marcilla. A sua mulher era francesa, dona Ana de Bosquet. Tanto o marquês como a marquesa morreram a seguir, ambos em 1545. Tiveram vários filhos que morreram jovens e sem filhos. O herdeiro foi D. Gastón de Peralta, III marquês e barão de Marcilla. Nasceu em Pau quando os seus pais andavam ao serviço do de Albret. Obteve muitos títulos e preeminências na corte de Felipe II, chegando a ser vice-rei do México.

<sup>36</sup> 4.ª edição, Madrid: Espasa Calpe, 1956. Mapa entre as páginas 464-465.

<sup>37</sup> RIEV, XXXIV, 1933, 365-374. Citado por Ana Maria Echaide, "Iturri y bide en la toponimia y la situación histórica del euskera en Navarra," *Pulchre, bene, recte. Estudios en Homenaje al Prof. Fernando González Ollé*, Pamplona: EUNSA, 2002, 435-448.

<sup>38</sup> Resumidas por Ana Maria Echaide, *loc.cit.* 436.

Unx, do qual se tornou independente administrativamente, com o título real de vila e uma série de privilégios, no ano de 1212, pelo valor demonstrado pelos seus voluntários na batalha das Navas de Tolosa. O texto objecto de comentário parece corroborar que a principios do XVI, quando se escreveu, a zona continuava tendo presença e uso da língua basca, se bem, a julgar pelo mesmo texto, já marginal.

A vinculação dos Ezpeleta com a vila de Beire concretizou-se em 1457 com a concessão a mosén Bernart de Ezpeleta, por parte do rei Juan II, do Senhorio de Beire, com a jurisdição e demais direitos. A princesa Leonor confirmou em 1475 a doação; mas excluiu a jurisdição. Em 1510 Juan de Albret (ou Juan III) e Catalina de Foix recuperaram a vila, vinculando-a ao património da Coroa. No entanto, essa relação teria de ser mais antiga.

Ainda que o rei Carlos II tenha concedido em 1378 o senhorio perpétuo da vila a Roger, visconde de Castelbón, em 1391 Carlos III atribuiu as suas rendas ao Alferes Carlos de Beaumont. A finais do século XIV, por tanto, estava já no âmbito de poder e administração dos Beaumont, descendentes de São Luís dos Franceses, como se sabe, que se juntariam logo com os Ezpeleta. Ambas famílias concentraram poder e terras ao longo do século XV, a finais do qual tomaram partido a favor de França na disputa dinástica, que se saldaria finalmente com a incorporação histórica de Navarra aos reinos de Espanha.

Desde 1457 a história da família Ezpeleta aparece vinculada ao seu palácio, concedido em 1457 por Juan II a Bernart de Ezpeleta. A edição das *Trescientas* pôde, por tanto, adquirir-se directamente, em 1505 ou pouco depois, posto que o tema encaixava perfeitamente com as vicissitudes da fortuna familiar, e formar parte da biblioteca do palácio, de cujos proprietários sabemos que, em 1548, D. Miguel de Ezpeleta obteve as prerrogativas de Cabo de Armeria com direito de chamamento de cortes. Em 1586 o seu sucessor, León de Ezpeleta, conseguiu uma benesse de permanência de 30.000 maravedis anuais, da qual depois desfrutaram, em 1596, o seu filho Miguel de Ezpeleta, em 1616 Ignacio Antonio de Ezpeleta<sup>39</sup> e em 1660 León de Ezpeleta e Goñi, cujo sucessor Miguel de Ezpeleta solicitou em 1686 que o palácio se anotasse como de cabo de

<sup>39</sup> Esta data tão cervantina leva a recordar, imediatamente, o penoso episódio de 1605 em Valladolid, onde ocupavam uma casa a esposa de Cervantes, Catalina de Salazar, sua filha Isabel de Saavedra, com a qual o autor tinha desavenças, e suas irmãs Andrea, com a sua filha Constanza de Ovando, e Magdalena. Na investigação sobre a morte em estranhas circunstâncias de um cavaleiro navarro, Gaspar de Ezpeleta, os vizinhos assinalaram as relações que algumas mulheres da família mantinham com este e outras personagens.

armaria nos Livros Reais. Em 1719, Agustín de Ezpeleta litigou pela isenção dos bens agregados. Joaquín de Ezpeleta solicitou rebate de quartéis em 1781. O irmão deste, José de Ezpeleta, foi nomeado Conde de Ezpeleta de Beire por Carlos IV a 31 de Agosto de 1797<sup>40</sup>. O livro foi cunhado provavelmente nesses anos finais do século XVIII com a coroa e o título de conde, como figura no exemplar de Buenos Aires.

Seja porque o possuía a família desde a sua impressão, ou porque o adquirira, a nota em vasconço permite supor que o exemplar esteve numa zona onde se falava basco desde muito cedo, seguramente no século XVI, provavelmente desde a sua compra inicial: o tema da Fortuna, a data da sua edição e os acontecimentos navarros de fins do século XV (em os que os Beaumonteses apoiaram o perdedor, o príncipe de Viana) e princípios do século XVI, com a vitória de Fernando de Aragão e a incorporação a Castilha (os beaumonteses apoiaram também a causa perdedora, a francesa neste caso), combinam-se de modo interessante nesta hipótese.

## Conclusões

As técnicas electrónicas de tratamento da imagem são fáceis de aplicar e permitem recuperar textos dos quais não podíamos dispor anteriormente. Mesmo que às vezes os resultados sejam ainda parciais, como no Primeiro problema tratado, noutros permitem uma completa leitura do texto, como no terceiro caso.

A combinação de dados textuais e iconográficos com a análise cultural, como sucede no segundo problema, permite afirmar, por uma parte, corroborando a tese de Sonja Musser, que a personagem principal representada na folha 17v é o mestre de xadrez do século XI Abū Bakr **Muhammad** bin Yahya al-Sūlī, a quem Afonso X adjudicaria o problema apresentado, de acordo com uma tradição árabe. Também se entende que as ilustrações do *Livro de xadrez* não são neutras. Se tivermos em conta as tentativas, em França ou na Polónia, de proibir o xadrez, dentro do mundo cristão, a atitude de Afonso X é um claro apoio aos partidários da licitude moral do xadrez, independentemente da sua religião.

A leitura correcta, a análise paleográfica e a filológica, no terceiro problema, tornam possível dispor do que talvez seja o texto basco em prosa espontânea e familiar mais antigo e mais longo, até agora. Chama também a atenção sobre a necessidade de prosseguir estas investigações sobre as notas manuscritas nos impressos e de reunir os resultados destas leituras numa base de dados que recolha o esforço conjunto dos investigadores.

<sup>40</sup> Incorporou-se-lhe a grandeza de Espanha a 22 de Março de 1866.

O texto que marca os três problemas analisados nesta apresentação, pois contém na frente e no verso da sua capa o primeiro e o terceiro, é um livro medieval dedicado à Fortuna e à sua roda. O patrimônio dos Ezpeleta em Beire desfez-se em 1895. Nessa data os Padres Biancos adquiriram o palácio e deve ter-se produzido a compra do impresso das *Trescientas* por Raymond Foulché-Delbosc, ao desfazer-se a biblioteca<sup>41</sup>. É o único exemplar com a cunha do Conde de Ezpeleta que figura na coleção de Buenos Aires e, salvo erro por parte deste crítico, o único que possuiu o estudioso francês. Desde aí foi parar, como se viu, a Buenos Aires, onde tem sido possível recuperar e decifrar este texto em basco, junto com toda uma possível história de um livro numa família.

<sup>41</sup> Ao longo do século XIX a história dos Ezpeleta foi também interessante. A 13 de Fevereiro de 1808, sendo o Conde de Ezpeleta Capitão Geral do Principado da Catalunha, permitiu aos soldados franceses do general Duhesme a entrada em Barcelona e, além disso, autorizou-os a compartilhar a guarda com as tropas espanholas, pelo que a porta principal estava guardada por vinte soldados espanhóis e uma companhia de granadeiros francesa. Apesar dos franceses terem ocupado Pamplona a 16 de Fevereiro, depois de enganar a guarnição distraíndo-a com jogos na neve, enquanto lhes tiravam as armas, feito conhecido de Ezpeleta, dado que protestou por ele a Duhesme, a 29 de Fevereiro a divisão Chabrán mudou-se de Mataró às portas de Barcelona e a divisão Lechi, que já estava na cidade, formou perante a cidadela em parada de revista. Com o pretexto de cumprimentar o Governador da Cidadela, Lechi e um oficial de Estado-maior cruzaram a ponte, sobre a qual o general francês parou, deu instruções ao oficial de comando da parada e os soldados franceses do batalhão de Vélites correram até à ponte, penetraram na cidadela e tomaram como prisioneiro o Governador. Já no séc. XVIII os Ezpeleta aparecem vinculados a Cuba, onde, de 1 de Dezembro de 1785 até 1789 José Manuel Ignacio Timoteo de Ezpeleta Galdeano Dicastillo y del Prado (nascido em 1740 ou 41, morto em 1823) foi Governador. Entre 1828 e Janeiro de 1840 ocupou o mesmo cargo Joaquín Ezpeleta e Enrile (1786-1863).

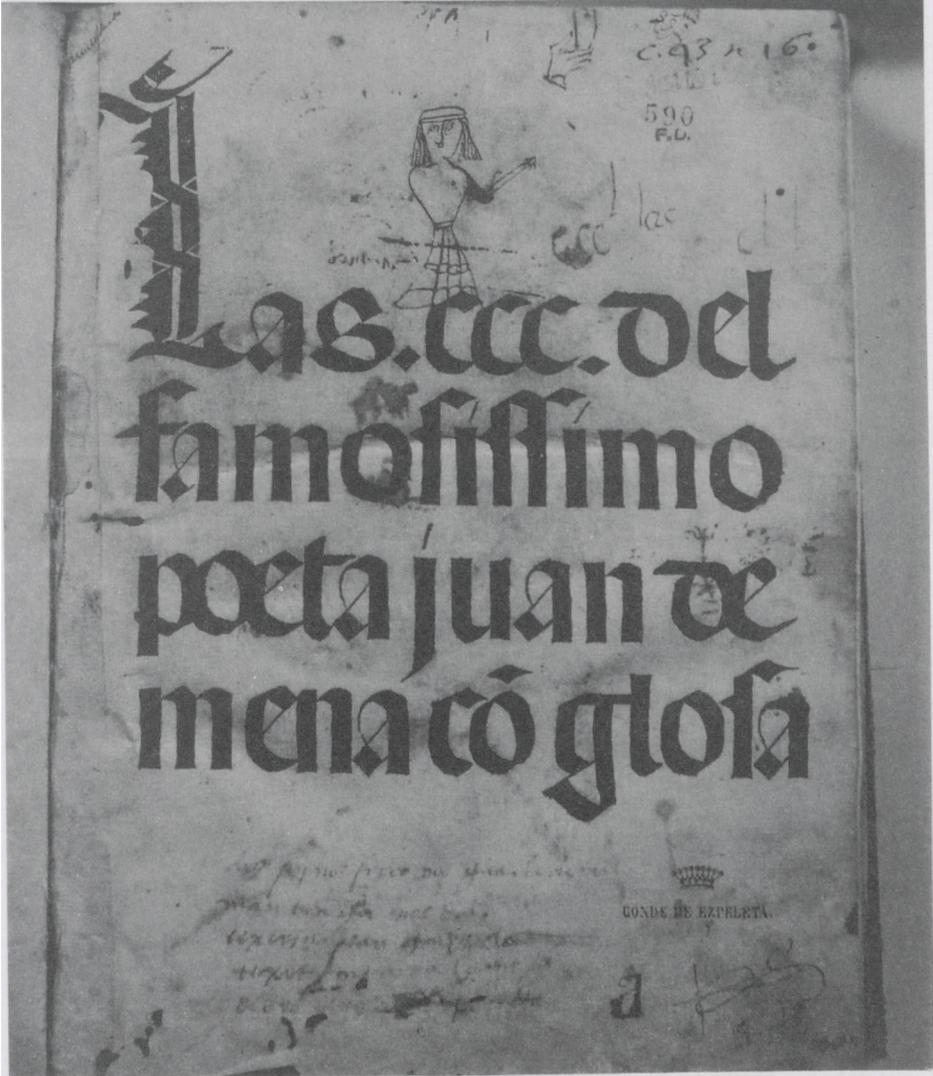


Figura 1

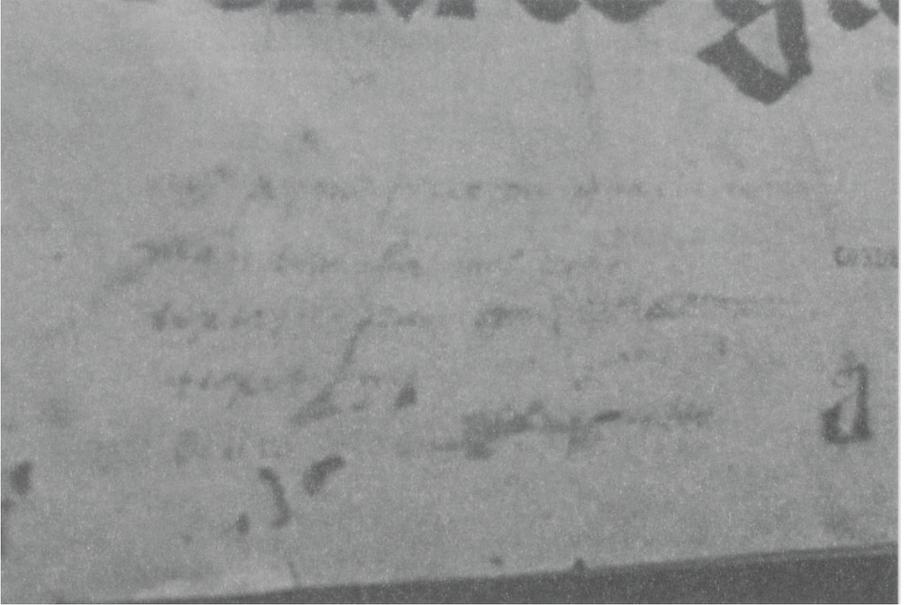


Figura 2

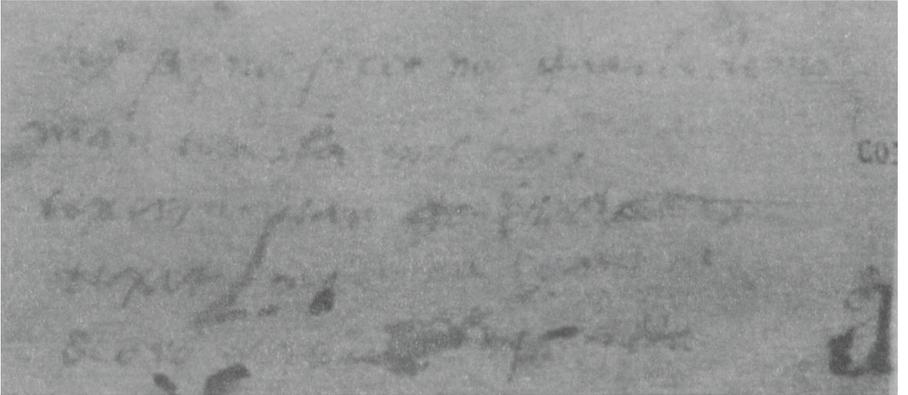


Figura 3

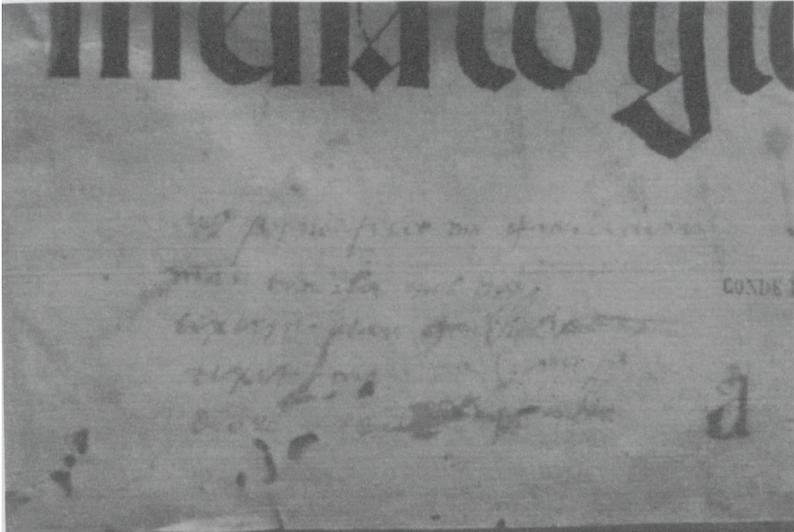


Figura 4

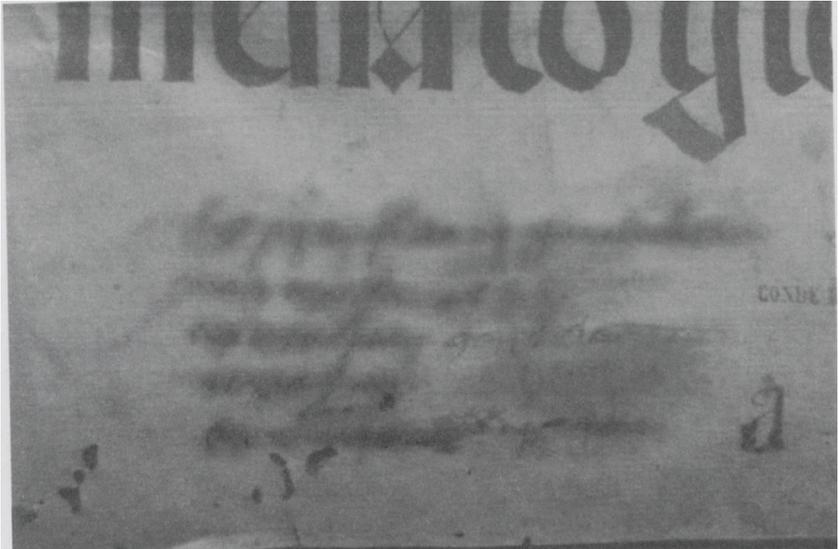


Figura 5

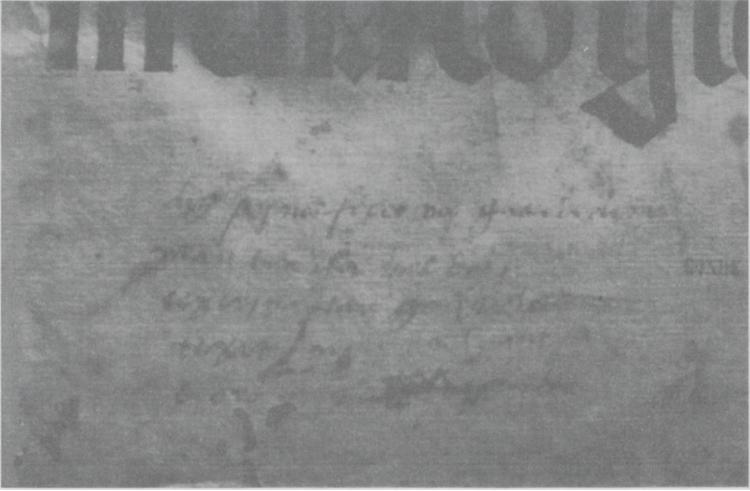
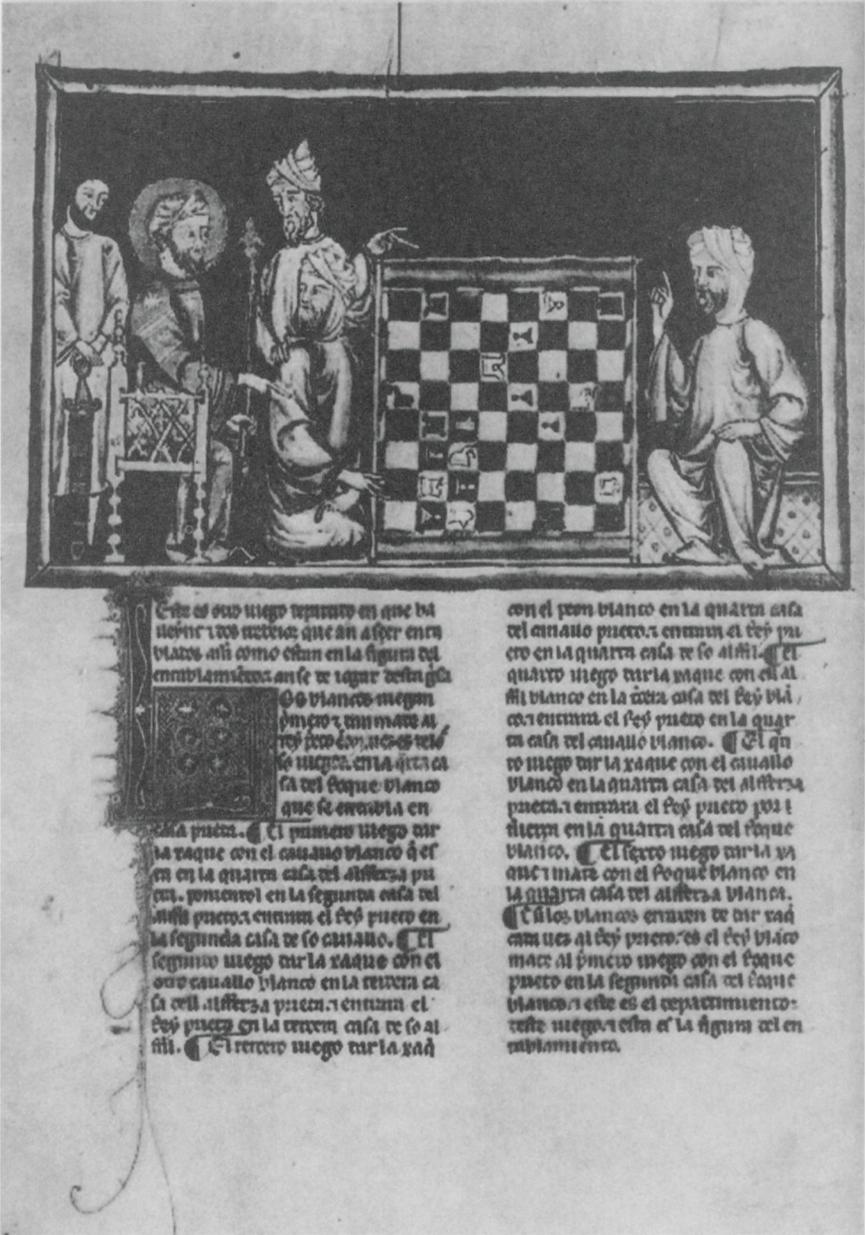


Figura 6



Figura 7



**C**este es otro juego representado en que va  
 uerter i dos uerteros que an a ser enca  
 viados asi como estan en la figura del  
 embiamento. an se ve iagar de la gila  
 de blanco megen  
 pmeo i un mate al  
 rey pero es un juego  
 de uerter. en la quarta ca  
 sa del foque blanco  
 que se enuavia en  
 casa pueca. El primer uiego dar  
 la raque con el cauallo blanco q' es  
 en en la quarta casa del alferza pu  
 ca. ponetel en la segunda casa del  
 misa pueca. entran el fey pueco en  
 la segunda casa de fo cauallo. El  
 segundo uiego dar la raque con el  
 otro cauallo blanco en la tercera ca  
 sa del alferza pueca. entran el  
 fey pueca en la tercera casa de fo al  
 fili. El tercer uiego dar la raq

con el peon blanco en la quarta casa  
 del cauallo pueca. entran el fey pu  
 cro en la quarta casa de fo al fili. El  
 quarto uiego dar la raque con el al  
 fili blanco en la quarta casa del fey bla  
 co. entran el fey pueco en la quar  
 ta casa del cauallo blanco. El qu  
 to uiego dar la raque con el cauallo  
 blanco en la quarta casa del alferza  
 pueca. entran el fey pueco por i  
 alferza en la quarta casa del foque  
 blanco. El sexto uiego dar la ra  
 que i mate con el foque blanco en  
 la quarta casa del alferza blanco.  
 En los blancos entran de dar raq  
 can ues al fey pueco. es el fey blan  
 co. al pueco mego con el foque  
 pueco en la segunda casa del foque  
 blanco. este es el embiamento.  
 este uiego i esta e' la figura del en  
 tabiamento.

Figura 3



Figura 3

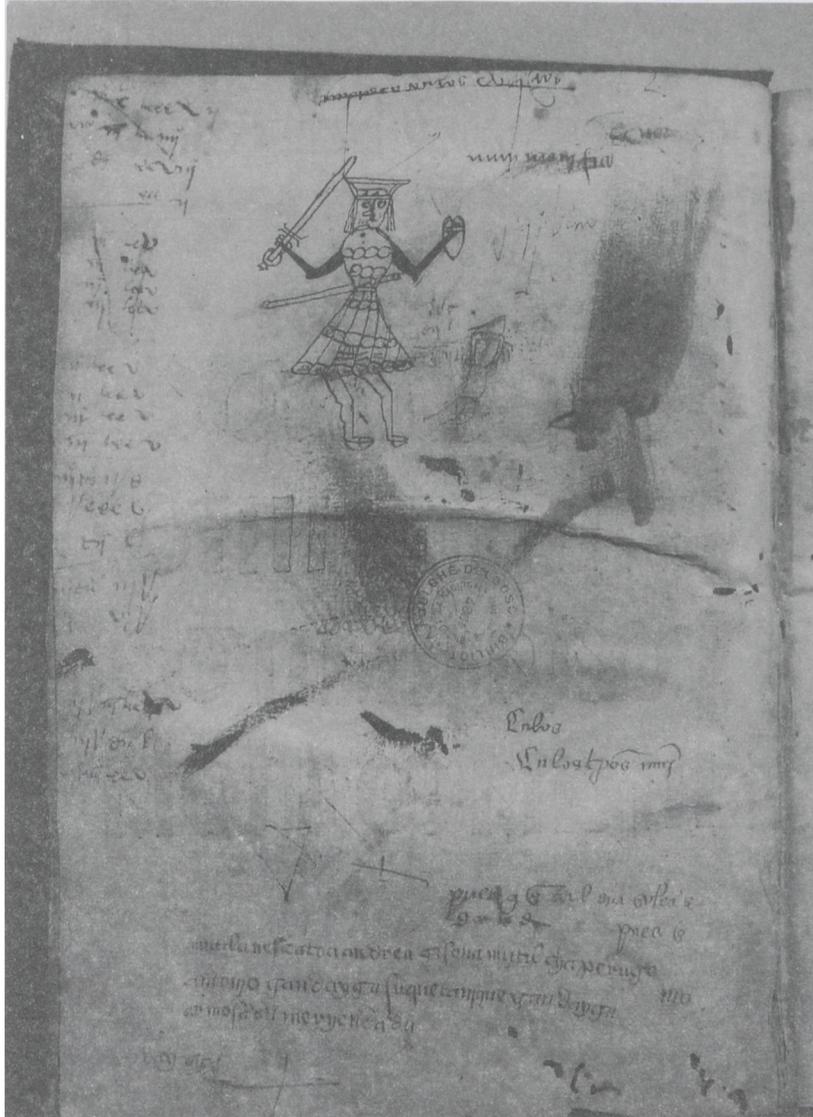


Figura 10

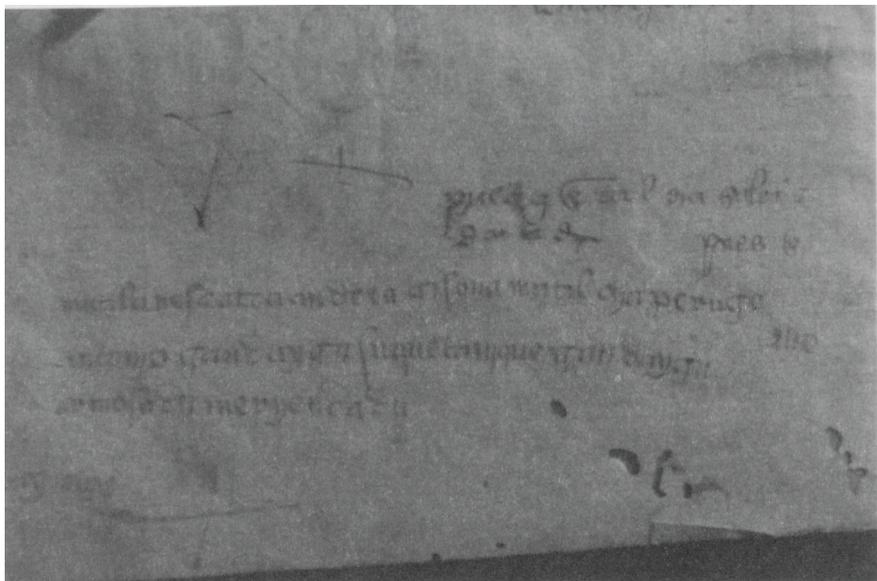


Figura 11